

O ESPECTRO

NUMERO 47 — II ANNO 1889

SEMENARIO POLITICO

PREÇO 10 RÉIS

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

LISBOA

6 mezes..... 260

PROVINCIAS

6 mezes..... 320

PAGAMENTO ADIANTADO

ADMINISTRAÇÃO

T. da Agua de Flor, 20.



Pulvis es et in pulverem reverteris

Da lama vieste, e á lama voltaste.

Na quinta feira passada offerecemos á meditação do sr. Marianno de Carvalho uma lição de philosophia, bebida n'um pobre exemplo de grammatica.

Hoje, primeira quinta feira de quaresma, 24 horas depois que a igreja celebra a festa ou a cerimonia das cinzas, offerecemos á meditação do sr. Marianno nova lição de philosophia, bebida, não em exemplos de grammatica, mas em fontes mais puras e elevadas... na propria escriptura sagrada. A intuição dos seus prophetas previo todas as fraquezas da humanidade. Ali estão fustigados todos os crimes, antevisto e considerado o caracter de todos os miseraveis.

O versiculo que lhe offerecemos não é só a expressão da vida humana; exprime com igual verdade a vida politica de todos os Mariannos.

Medite-o bem e verá que sublime lição de philosophia lhe deixou o santo Job, que tambem teve todas as grandezas da terra: a riqueza, o poder, a consideração e os respeito.

Ha só uma differença.

Job começou com toda esta fortuna e extinguiu-se-lhe a vida do corpo n'uma estrumeira. O sr. Marianno começou pela **estrumeira, lama, pulvis**, e se em tres annos ganhou a fortuna dos tempos ditosos de Job, a estrumeira do desprezo publico lá está na historia á espera do seu nome, conspurcado de todas as vergonhas, **enlameado** nas mais despreziveis traficancias:

Pulvis es et in pulverem reverteris.

Foste lama e á lama voltaste.

Medite-o bem e verá que sublime lição moral aquellas singellas palavras encerram.

* * *

Quando o sr. Marianno começou a sua negregada carreira politica, abriu-lhe a porta, segundo estanos ouvindo dizer, a defeza de um contracto regenerador.

Pouco depois o homem mais eminente d'aquelle partido, era escolhido pela critica immunda do novo menestrel e raros dias se passavam sem que elle destapasse a sentina que tinha dentro da alma, despejasse em cima do glorioso estadista os productos excrementicios da propria consciencia.

Quem era então o sr. Marianno? **Lama, Pulvis es.**

O jornalista eminente que lhe deu o braço e o passeou orgulhosamente em suas proprias salas, lembram-se todos que foi alvo das maiores inju-

rias que se podem dizer n'esta vida a um homem qualquer.

Que era n'este particular o sr. Marianno? **Lama.**

O que a immunda critica d'este foliculario vomitou contra o duque de Loulé, Braamcamp, Santos e Silva, Fradesso da Silveira, Rebello da Silva, duque d'Avila, Sampaio, do proprio bispo de Vizeu—e se a par d'estes mortos illustres, quizessemos mencionar os vivos—Dias Ferreira, Lobo d'Avila, Oliveira Martins... n'uma palavra, o que este foliculario tem dito de todos os homens eminentes que tem atravessado a scena da politica portugueza mostra ainda e sempre que o sr. Marianno era... **lama.**

Tempos depois alguns d'estes homens que elle via pelo prisma da propria consciencia, surgem-lhe como astros radiantes, cuja luz, real ou ficticia o misero se vê obrigado a bem dizer e quasi que a adorar, no mais abjecto sobeismo.

Que era aqui o sr. Marianno? Real ou ficticio o culto vinha-lhe da mesma fonte, da alma, da **lama.** *Pulvis es.*

Lembram se das candidas vestes de **moralidade e economia**, com que aquella austera matrona enfaxava todos os dias o programma infantil do partido que amamentava ao proprio seio?

De onde vinham as palavras de então? De onde vinha aquella santa doutrina, tão seductora e cheia de escrupulos? Vinha da consciencia? Pois interpretamol-a pelos factos. Ao pé das palavras as obras. E' a primeira regra para acertar. Sabeis o que fica sendo então aquella consciencia?

Hypocrisia, **lama.** *Pulvis es.*

Havia em Portugal um poder que todos respeitavam.

No mais accesso das luctas, civis ou politicas, ninguem se atrevia a atacar-lhe a força, por ventura, a **unica**, se alguma existia.

Em quanto ha n'uma nação um poder que se impõe, uma força que se respeita, ha esperança, bem fundada, de que ella encontrará seguro ponto de apoio, se uma vez carecer da cooperação de seus filhos.

Esta força tinha-a em Portugal o principio monarchico, glorificado por 7 seculos de existencia.

Todos respeitavam profundamente a realaleza. O beneficio era commum, porque era da patria.

Pela primeira vez se levantou um homem, que trazia na alma a essencia de todas as calumnias.

Entre as ruinas que os seus instinetos devastadores se compraziam de contemplar, faltava a corôa. A campanha da diffamação que os dois *in carne una* emprehenderam, para lhe arrancar o prestigio, está ainda na mente de todos.

O epitheto menos infame que o sr. Marianno de Carvalho atirou ao chefe do estado, foi o de ladrão. D'ahi para cima a escala era percorrida todos os dias com um praser de verdadeiro chacal.

Onde foi o sr. Marianno buscar as provas do que dizia? Ao arsenal de todas as calumnias, de todas as infamias, de todas as miserias, de todas as torpezas, **à propria alma.**

Foi elle que o disse. «El-Bei perdoou me.» Logo mentio.

Elle era aquelle arsenal, aquelle pantano, aquelle **lameiro.**

Pulvis es.

A sua missão na imprensa **enlameou** tudo e todos.

Que outra coisa podia fazer, a propria **lama.** *pulvis?*

A sua missão no governo acabamos todos de presenciar-a; **enlameou** o proprio partido, do qual estão fugindo espavoridos todos os homens honrados; **enlameou** as instituições, porque deixou ver que sob a sua vigencia é possivel a coexistencia das maiores traficancias; **enlameou** o paiz, por que o leva a mostrar que já não tem forças, para levantar-se n'um impeto vigoroso e arrojá-lo á Costa d'Africa o miseravel que tanto o affrontara.

* * *

Leitor, eu estou ouvindo a resposta que o sr. Marianno nos daria, depois de ler este artigo, se a sua consciencia pensasse alto:

—Patetas! eu não **enlameei senão os cofres publicos**; porque as minhas operações bem combinadas despejaram-lhe dentro milhares de contos de réis e deixaram-lhe... **lama**, se vos apraz; **senão** lixo ou pó.

Escandalo

Em 15 de janeiro do corrente anno requereram uns individuos pela 2.^a repartição de contabilidade do Ministerio da Fazenda, que se lhe passasse por certidão a data da entrada de um requerimento e os ultimos termos que tivera.

Passados dias apresentando se um dos interessados na repartição, foi lhe exigida uma procuração dos requerentes:

Satisfeita esta exigencia apresenta-se o referido interessado para receber o que tinha requerido e qual não foi o seu espanto quando um tal **Dr. Bazilio** empregado n'aquelle ministerio lhe disse, (não obstante as sensatas observações do chefe da repartição) que não se podia passar a certidão sem que os individuos que a requeriam apresentassem uma Carta de Sentença pela qual mostrassem estar habilitados herdeiros do individuo que tinha apresentado o requerimento a que alludimos.

Em vista do proceder **incorrecto, leviano e asnatico** do sr. Bazilio, não sabemos se o devemos attribuir a uma **stulta ignorancia** dos seus deveres, se ao prazer de dificultar a pretensão dos requerentes.

Em todo o caso recommendamos ao sr. ministro da fazenda este heroe de tão triste celebridade, a fim de s. ex.^a obstar a que elle continue a predominar n'uma repartição que tem um chefe, e em que elle é apenas um 2.^o official.

Continuaremos.

Aos tribunaes!

A falta de espaço inhiibe-nos de dar outra vez a este assumpto o desenvolvimento que reclama; mas não cessaremos de clamar todos os dias, embora tenhamos a certeza de clamar no deserto..

—**Aos tribunaes, a tramoia dos** 449 contos.

Ali é que é preciso provar que esta quantia foi **legalmente** applicada. Emquanto isto se não provar, ninguém, nenhum juiz, nenhum jury tem o direito de condemnar seja quem fôr, porque deu ao que não era seu applicação que ahí não permitia.

E' a impunidade do roubo? E' a proclamação da anarchia?

Não sabemos, nem nos importa. Tiremos a consequencia logica e natural do facto ou da questão que traz assombrada a consciencia publica, e que precisa **urgentissimamente** uma solução.

Não imagine o auctor do attentado que basta **largar** a pasta, e a opposição que lhe basta... apanha-a.

O paiz olha para os politicos desconfiado.

Quer satisfação e ha de tel a.

Se lh'a não deram, peor para todos.

O escandalo dos 449 contos é como um **vulcão de lama**, cuja cratera se rompeu mesmo nas culminancias do poder.

E' necessario que a justiça abra uma grande valvula de segurança, ou ficará tudo enlameado.

O entrudo

O mesmo que o anno passado. O mesmo, não. Fez uma pequena differença para peor, graças á annullação completa da policia. Escusamos de falar da mesma semsaboria dos bailes, da mesma carencia de espirito, da mesma furia de tremoços na rua, da mesma chuva de bisnagas de cheiro duvidoso.

Poucas mascaras boas. A maioria, como é natural, reles e desengraçada. Augmentou o numero de fadistas, cantando indecencias pelas ruas.

Uma especie nova que honra a policia e a administração do sr. governador civil.

Grande numero de borrachões assoprando toda a noite instrumentos de latão para não deixarem dormir ninguém. De hora a hora, pouco mais ou menos, voltavam ao mesmo sitio. Imaginem porque tormentos passaria a familia que tivesse em casa um doente de perigo!

A policia não quiz saber d'esta verdadeira *selvageria*.

Impera a folia? Quem morrer que se enterre.

Isto não é condemnar o entrudo; é condemnar os brutos.

Senão gostámos do entrudo, nem por isso queremos que só se divirtam os que toem trens e dinheiro para comprar flores e atirar rebuçados.

A dissolução do partido progressista

Continua em grande força o trabalho da decomposição d'este partido. O celebre pacto da Granja está proximo a romper-se por todos os lados.

A ladroeira dos 449 contos deu-lhe um golpe profundo. Os homens honrados d'aquelle partido, apenas o governo cahir, prepararam-se para propôr immediatamente a sua renodelação.

Antonio Candido, o eminente orador que é uma gloria d'esta terra, despediu-se do partido, como se viu da carta escripta a Antonio Ennes.

E não voltará mais ao gremio do partido progressista, perguntaram ao glorioso tribuno.

... Partido progressista... respondeu elle! Isso acabou. O que para ahí anda é um rebanho, apenas unido para pastar os campos do orçamento. Em sendo enxotado da pastagem, se arrancarem aos lobos as falsas vestes de pastor, lá estarei no meu posto, como soldado dedicado. Antes não. Acima de tudo a honra.

Um bravo ao grande orador.

Antonio Ennes esse foi posto fóra. Como tinha um jornal, onde desabafava das amarguras que tantas vergonhas traziam ao seu coração, declararam-n'o fóra da lei do partido.

O que succede com estes dois illustres progressistas tem succedido com quasi todos os homens illustres e honrados d'aquelle partido, minado por uma decomposição funda e rapida.

Assim como a podridão alimenta os campos, e as estrumeiras são a maior riqueza agricola, assim poderia succeder, sem ser milagre, que da **estrumeira** progressista, que ahí está a apodrecer, surgisse um partido rico de aspirações patrioticas, forte e sobretudo **honrado**.

São os nossos votos.

Escandalos no Porto

Vamos atravessando uma época de oppressão e infamia, em que a generosidade do povo o deixa morrer á fome, enquanto que a corrupção ministerial, prostergando todos os principios da dignidade, salpica de peçonhenta baba tudo quanto ha de mais respeitavel e nobre.

A virtude honesta é posta de parte como velharia sedição, ao mesmo tempo que paixões ruins se excitam á sombra das mais criminosas praticas.

São sem limites as prepotencias ministeriaes, praticadas com um descaramento que envergonha, sem que vejamos possibilidade de emenda n'essa abjecta entidade que ainda se pavoneia com o nome de governo.

Acabamos de saber que no Porto, *a cabeça de Meduza diante da qual os tyrannos estremecem e gelam de terror*, se estão praticando as maiores patifarias, capitaneadas pelo governador civil do districto.

O *tambor mór*, perfeita encarnação de tudo quanto é pequeno ou baixo, o homem a quem os progressistas de Lisboa já mandaram apedrejar, está tratando de falsificar, com um desplante que é uma injuria, os cadernos do recenseamento eleitoral para rouber os votos que as consciencias honradas não podiam dar ao governo.

Por Deus, bradamos ao Porto, que ninguém consinta tão grave attentado, pela honra e brio de que aquella nobre cidade tem dado tantas provas!

A'lerta! Já temos ministros da Serra Morena, mas não ainda razão bastante para que consintamos os *processos* da Calabria! Um abuso não justifica outro. A tyrannia tem limites, cumpre pôr-

lhe um dique para que cheguemos a tempo de defender as nossas pessoas e prerogativas.

Nem só na estrada se rouba, e o roubo do nosso direito importa o roubo da nossa honra, porque nos inibe do cumprimento de um dever sagrado.

O governador civil do Porto não terá força para levar a fim o seu perverso intento, se as consciências honradas protestarem energicamente contra tão infame trama, contra tão descarada burla. A'lerta, pois, portuenses!

Lembrae-vos da proclamação que a junta do supremo governo dirigiu á invicta cidade em 1846, e dizei ao governador civil como ella disse ao general Abreu: **O governador civil não confia em si. Confia na traição. O Porto está prevenido. Ninguém ousará dentro dos seus muros praticar um acto criminoso. Ninguém o ousará!**

Fallae-lhe com a nobreza e independencia que vos caracteriza e bem merecereis do paiz. Não vos atemoriseis com a ameaça da **sangria** ou **massagem**, com essa ameaça banal semelhante á do *papão* com que nos assustavam em creanças.

Para illusão e deshonra é bastante, e se o governo precisa de arranjar adherentes conquiste-os com as suas sympathias sem nos roubar os nossos direitos e deveres.

Ao menos que ao paiz reste a liberdade da escolha dos seus representantes, já que todas as restantes liberdades lhe tem sido cerceadas.

A'lerta! Viva a nação! Viva a liberdade!

A batalha das flôres

O mesmo *enthusiasmo* do anno passado. Como se vê da imprensa diaria, a coisa tocou o *delirio*. Lá estavam a Rainha e a princeza, atirando flores.

Não sei se a republica folgava; deixemos a outras pennas as considerações que o caso pedia.

Mais papistas que o papa... é asneira.

As equipagens do sr. Moser eram, sob todos os pontos de vista, as mais notáveis.

Como dizia ante-hontem com orgulho o proprio *Diário Popular*, apresentou nem menos de tres.

A que tinha a honra de conduzir o genuino sr. Moser ia deslumbrante! Era tirada por duas soberbas parelhas, indubitavelmente as primeiras que lá se apresentaram.

Dizem-nos que são as duas parelhas mais notáveis que ha em Lisboa.

Foi precisamente com o fim de excederem tudo que por cá havia, que elle as mandou vir de tamanho valor.

Ha tres annos, quando o sr. Moser era apenas um modesto caixeiro, disse-lhe o sr. Marianno de Carvalho:

—... Você vae ser d'aquí a pouco um capitalista de tal força, que o Burnay ao pé da sua riqueza, não será mais do que um negociante de **agulhas e alfinetes**.

Não sei se a prophesia se realisou; sei que a fortuna do sr. Moser é hoje um deslumbramento para Lisboa e um ponto de admiração para o mundo inteiro!

Uma nota discordante

São todos da opinião que vamos á exposição de Paris.

Nós pensámos exactamente o contrario. Nem á de Paris nem a qualquer outra. As vantagens que temos tirado das exposições são **absolutamente nullas**; e tem-nos custado centenas e centenas de contos! A decima parte chegaria para termos nos consulados exposições permanentes, e pagarmos annuncios e reclames aos unicos productos que podemos exportar—productos agricolas e coloniaes.

Tudo o mais é farofia, desperdicio e talvez vergonha.

As exposições são uma fonte de immensa riqueza para os paizes em que se realisam. Os outros vão lá, como tributarios, alimentar com milhares de contos o seu commercio e a sua industria.

Ora, tributos já nós pagamos de mais aos desperdicios nacionaes.

Que vão á festa os que folgam n'ella.

A invocação de amizade e boas relações é um pretexto que só illude os nescios. Quem não quer ir não vae. Sobejam sempre razões para fundamentar a recusa. Da nossa parte então são aos centos. Mas por isso mesmo que é asneira ir, é que iremos. A rhetorica enche-nos a bocca de grandes palavras. Não é preciso mais nada. Cahiremos como um pobre diabo. Nem temos que expôr, mas não tem duvida. A questão é ir e gastar. Pobre paiz.

O sr. dr. Maia e outro aleijadinho

O povo de Lisboa viu no ultimo domingo de fevereiro a curiosa e nunca imaginada procissão de sr. dr. Maia e do aleijadinho?

Viu e por isso não lh'a descrevemos.

Ora, dizem nos que o sr. Maia já arranjou novo aleijadinho para outra procissão.

O que temos a dizer é muito simples:

Se a homoeopathia ganhar sobre a sua rival outra victoria tão assignalada, como a da praça de Camões, a universidade de Coimbra não tem mais nada a fazer senão fechar a faculdade da velha medicina e a escola medica ir á fava.

Sr. doutor, Lisboa quer mais procissão e mais aleijadinho.

Sr. doutor, o logar do Cecilie está vago.

Não lhe digo mais nada.